



O DESPERTAR DO AMOR

KATHERINE GARBERA









O DESPERTAR DO AMOR

KATERINE GARBERA



2006



PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Copyright © 2003 by Harlequin Books S.A.

Originalmente publicado por Harlequin Internet Titles

Título original: THE TYCOON SURPRISE

Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4º andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Correspondências para:
Caixa Postal 8516
Rio de Janeiro, RJ – 20220-971
Aos cuidados de Virginia Rivera
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

CAPÍTULO UM

Max Harris não era o tipo de cara que se envolvia em relações passageiras. Mas começava a pensar diferente depois de ter encontrado Sabrina Tyrell. Ele a notou assim que ela chegou a Amelia Island, de barco, na última terça-feira. Diferentemente das outras mulheres que sempre chegavam em grupos ao luxuoso *resort* da ilha, ela veio sozinha. Deixou o cais, pisou na areia e fechou os olhos. Era como se houvesse uma ligação sensual entre seu corpo e a terra. Isso o tinha excitado enormemente.

Tinham passado os últimos cinco dias fazendo tudo juntos, de velejar a mergulhar. Pela primeira vez, desde que começara a trabalhar, Max não queria que sua estada chegasse ao fim. Não sabia se Sabrina sentia o mesmo e não queria perguntar.

Tinha uma reunião em Chicago na segunda-feira cedo e essa noite era, provavelmente, a última em que veria Sabrina. Não iria embora até que tivesse feito mais do que beijar aqueles lábios sedutores. Queria explorar a sensualidade que percebia naqueles olhos. Verificar se a paixão com que se dedicava à vela rivalizava com a paixão que, supunha, ela demonstraria na cama.

Os dois viviam em mundos completamente diferentes. Ela achava que ele era contador em Chicago – o que em certo sentido era verdade –, mas ele era mais do que isso. Como diretor-financeiro da *Harris Resorts*, ele fazia mais do que simplesmente manter os livros de contabilidade em dia. Viajava regularmente para vários *resorts* pertencentes à família e também para outros, com a finalidade de avaliar a

qualidade dos serviços. Tais como esse luxuoso restaurante para o qual convidou Sabrina para jantar e compartilharem a última noite no *resort* – e, ele esperava, a madrugada também.

– Obrigada pelo jantar, Max – disse, interrompendo-lhe os pensamentos.

– Era o mínimo que eu podia fazer, depois de ter recebido dicas tão fantásticas sobre velejar.

Max não se lembrava de ter se sentido tão atraído por uma mulher antes. Ela usava um vestido de verão justo que ressaltava-lhe o bronzado e a fazia brilhar como o sol. O cabelo estava preso na nuca e ele desejava soltá-lo. Gostava de ver o cabelo castanho encaracolado caído nos ombros.

Tinha a aparência saudável das mulheres que adoram a vida ao ar livre. Estava em ótima forma, sem ser musculosa. Os seios eram fartos e os quadris ligeiramente arredondados. As sandálias de tiras de salto alto que calçava hoje realçavam as longas pernas.

– A maioria dos homens não gosta de conselhos de mulheres.

– Bem, meu pai sempre disse que aquele que não pede ajuda acaba fazendo papel de tolo.

Os olhos de Sabrina eram profundos, piscinas impenetráveis à luz das velas. Ele adoraria conhecê-la os segredos. Descobrir-lhe o mistério e assim conseguir tirá-la do pensamento.

– Não consigo imaginar você fazendo papel de tolo.

– Aconteceu mais vezes do que eu gostaria de admitir – respondeu.

Uma brisa quente soprava a chama da vela na mesa. A sensação era de só existirem os dois na ilha.

Estavam em um restaurante exclusivo, onde a área de jantar era formada por pequenas sacadas que proporcionavam privacidade.

Max estava contente de tê-la levado àquele restaurante. Ela era uma mulher acostumada a cuidar de si mesma, mas essa noite queria mimá-la, paparicá-la. Dar-lhe algo que – sentia – ela nunca havia tido antes, a fim retribuir a sensação que ela lhe proporcionara.

– A que horas você parte amanhã? – perguntou Sabrina.

– Tenho que estar em Jacksonville às seis.

– Da manhã?

– Não, da tarde.

– E você?

– Só vou embora daqui a três dias. Quer sair de catamarã amanhã?

Ele acenou a cabeça.

– Claro, mas vamos nos concentrar na noite de hoje.

– Está certo. – Ela empurrou o arroz selvagem no prato e brincou com o peixe em vez de comê-lo.

– Você gostou do *mahimahi*?

– Gostei. Ainda não tinha provado – respondeu Sabrina com uma voz fria e distante. – Obrigada pela sugestão.

– Por que, de repente, começou a me tratar como a um estranho? – Max perguntou.

Ela ficou tensa e colocou o garfo na mesa.

– Apenas por que não reconheço você nesse ambiente.

– Continuo sendo o mesmo cara com quem você passou os últimos cinco dias.

– Eu sei, mas você faz parte desse ambiente e eu não. Nunca estive em um lugar tão sofisticado. Não

estou acostumada com esse luxo. Sinto como se não combinasse com esse lugar.

– Você tem razão – ele concordou.

Ela franziu a boca e olhou para o oceano iluminado pelas estrelas.

– Gostaria que não tivesse percebido.

Max segurou-lhe o queixo e virou seu rosto para ele.

– Você jamais poderia combinar com esse lugar. Você sobressai como uma flor exótica. Linda e brilhante, cheia de vida e de uma sensualidade promissora. Todos os homens gostariam de estar com você e todas as mulheres gostariam de ser você.

Ela piscou e afastou o rosto. A pele era sedosa como ele sabia que seria. Também sabia que a barriga era macia e suave. Ele tinha usado as mais deslavadas desculpas para tocá-la nos últimos dias, mas essa noite não haveria desculpas e suas intenções ficariam bem claras.

Um leve rubor cobriu-lhe as maçãs do rosto.

– Preferia que você não dissesse esse tipo de coisa.

– Por que não? É verdade...

– Só você me vê desse jeito.

– Então veja através dos meus olhos.

Ele tinha se aproximado, no primeiro dia de férias de Sabrina, por se sentir atraído. Mas ela deixara claro que queria ser tratada como amiga e não como mulher. Na noite passada, ele a tinha beijado, ficando óbvio que ela era bem mais do que uma amiga para ele. Max lhe dera tempo para se acostumar com ele, mas o tempo estava se esgotando. Esta noite era a última chance de explorar as misteriosas correntes de desejo que cruzavam o ar entre os dois.

– Estou com medo – disse Sabrina finalmente.

– De quê?

– Você me faz querer ser alguém que não sou.

– Pedi isso a você? – Ele percebeu que queria que Sabrina deixasse vir a sensualidade à tona, mas sem mudar a mulher que ela era na essência.

– Não. Mas sempre sonhei em ser uma mulher audaciosa.

– Que tipo de audácia? – Porque ela era a pessoa mais audaciosa que ele conhecia. Tinha nadado com tubarões na Nova Zelândia e escalado as montanhas mais íngremes de Utah. Quando lhe contou, sentiu medo por ela. Medo que essa linda e vibrante mulher pudesse ter morrido antes que ele tivesse a chance de encontrá-la.

– Você realmente queria me beijar?

– Você sabe que sim.

– Como posso ter certeza?

Tinha dúvidas. Ela o desejava, mas ele a conhecia o suficiente para saber que não era do tipo que se entrega com facilidade.

– Porque sou um homem.

– Isso soa muito chauvinista.

– Só para alguém que não me conhece.

– É incrível como eu conheço você tão bem – disse finalmente.

– É o destino, Sabrina.

Ela não precisava ouvir que era desejo sexual. De certa forma, ele acreditava no destino. Mas não no amor. Nunca acreditou em nenhum desses sentimentos suaves, porque a experiência mostrara que as pessoas tentavam manipulá-lo ao perceber esses sentimentos.

– Da última vez que acreditei no destino, quebrei a cara.

– Não estou pedindo que acredite no destino – afirmou Max.

– Não?

– Não. Estou pedindo que acredite em seus instintos.

– Quais instintos?

– Aqueles que estão lhe dizendo para abandonar-se a sua mais audaciosa aventura.

Ela o fitou.

– Se fizer isso, não vou permitir que você assuma o controle.

– O que você quer de mim, Sabrina? – perguntou, percebendo que ela devia ter passado a semana ganhando tempo.

Ela percorreu com os olhos a varanda deserta e depois inclinou-se sobre a mesa. A luz trêmula da vela acentuava-lhe os ângulos do rosto.

– Quero você, Max. Só você, por uma noite.

CAPÍTULO DOIS

Sabrina não sabia o que esperava de Max. Desde que haviam se encontrado, há cinco dias, nesse *resort* em Amelia Island, ele parecia ansioso por passar todo o tempo com ela. Mas talvez fosse pedir demais que se tornasse seu escravo sexual por uma noite.

Naquele momento, tinha tomado coragem e feito o que, secretamente, desejava fazer desde a primeira vez que o encontrara. Tinha verbalizado o que sentia, ou seja, que queria mais do que simplesmente jantar em sua companhia. Queria também passar a noite toda com ele.

Ele levantou a sobrancelha.

– Isso é exatamente o que eu tinha em mente, querida.

Max Harris era o tipo de homem que podia usar a palavra “querida” sem ficar ridículo. Alto, bronzeado e com um corpo muito bem feito, parecia em casa no mar e nas praias. Só essa noite ela se deu conta de que ele também ficava à vontade no mundo dos ricos. Enquanto ela tinha economizado, durante 18 meses, para poder pagar uma semana nesse *resort*, Max transpirava sofisticação da ponta do sapato de couro italiano feito à mão até o terno Armani que vestia com a naturalidade dos que têm muito dinheiro.

– Ótimo – disse Sabrina.

O rosto demonstrou satisfação. Max estendeu a mão e deslizou o dedo indicador pela lateral de seu rosto, prolongando-se e parando na pulsação da veia do pescoço.

– Prometo que será melhor do que ótimo.

– E se eu quisesse assumir o comando? – perguntou com um nó na garganta, os mamilos ficando rijos ao primeiro toque sensual de Max. Ela queria que ele continuasse a tocá-la. Que descesse os dedos e os colocasse na alça do vestido, debaixo do corpete, na carne nua à espera.

– Querida, o que você quiser.

O que ele tinha dito? Estava mergulhada na fantasia de que esse homem faria tudo o que ela pedisse. Graças a Deus estavam sozinhos em uma sacada isolada, pois sentia que estava prestes a derreter-se toda.

– Qualquer coisa?

Ele voltou a esfregar o dedo indicador no pescoço de Sabrina, e seu braço ficou todo arrepiado. Ela chegou mais à frente para que ele pudesse acariciá-la facilmente.

– Estou interessado em seu prazer – disse Max.

Sabrina sentiu um formigamento espalhar-se por todo seu corpo. Nenhum homem tinha dito essas palavras para ela. Mexeu-se na cadeira e tentou não deixar que ele a dominasse por completo.

Ela tinha um objetivo. No momento em que encontrou Max, teve a sensação de que ele podia ser o homem com quem atingiria “o orgasmo”. Já tentara com alguns homens, mas dessa vez não queria correr riscos. Sentia uma incrível atração por Max, e ele parecia um cara que sabia como tocar uma mulher. Instintivamente, sentiu que a paixão que percebia existir em Max quando estavam velejando iria causar faíscas se passassem algum tempo juntos entre os lençóis.

– Acho que tínhamos o mesmo objetivo em mente, mas talvez houvesse algumas ligeiras diferenças de opinião sobre as mesmas atividades.

Ele parou de tocá-la e ela sentiu-se subitamente fria. Tinha medo de não conseguir se proteger e acabar se envolvendo. Tinha ficado bem claro, naquela noite, que Max vivia em um mundo no qual ela jamais se sentiria à vontade.

– Seja qual for a atividade, posso garantir-lhe prazer, Sabrina.

A voz a acariciava da mesma forma que o dedo. Percorria-lhe a pele de leve, lançando-lhe pelo corpo, aos poucos, fagulhas que o toque acendia. Até a batida do pulso estava mais acelerada. A pele ficara ultrasensível. A brisa quente do oceano aumentava essas sensações, brincando com suas terminações nervosas.

Embora não fosse agressiva sexualmente, tinha decidido que essas férias luxuosas eram uma chance única na vida. E queria mais do que apenas estar hospedada umas poucas noites em um *resort* cinco estrelas. Queria ter um caso tórrido com o tipo de homem que habitava os sonhos apaixonados das mulheres. Não acreditava que esse homem dos sonhos existisse, até ter visto Max Harris.

Tinha encontrado Max no primeiro dia em que saltou do barco na ilha. A maneira como ele a olhou fez com que se sentisse uma mulher linda, como nunca acontecera antes. Ela sabia como agir com surfistas, pescadores e outros entusiastas da vida ao ar livre, pois tinha uma loja de aluguel de material de surfe e pesca em Fort Lauderdale. Mas nenhum deles a fizera se sentir especial da forma como Max tinha feito com apenas um olhar.

O garçom havia levado os pratos. Max pediu sobremesa e vinho para os dois, falando com o garçom em francês fluente.

Tinha algumas dúvidas. Não era culta ou sofisticada como Max. Os planos de seduzir o companheiro de vela e de *bodysurf* precisavam de uns ajustes. Ela mal reconhecia esse cara que parecia saído de uma coluna social, em um terno que, sem dúvida, custava mais do que o aluguel de seu apartamento. Sabia que era o mesmo cara, mas as aparências tinham realmente mudado.

– Você gosta de framboesas, Sabrina?

Ela fez que sim com a cabeça, subitamente incapaz de falar. No que estava pensando? Sentiu um frio no estômago e começou a ficar mais nervosa, sentada nessa sacada isolada com Max, do que quando estava na água com os tubarões.

– Achei que sim.

A voz dele despertou-lhe a vontade de fechar os olhos para deixar que apenas a audição se concentrasse nele. Max despertava-lhe todos os sentidos. Fazia com que desejasse se entregar a cada um separadamente. Deixar que a voz dele lhe tocasse a pele, tão perto que pudesse escutar cada palavra como se elas a acariciassem enquanto ele falava. O calor úmido da respiração dele, o toque sutil dos lábios fortes, o arranhar dos dentes.

Ela abriu os olhos e viu Max fitando-a. Pigarreou.

– Desculpe, você disse alguma coisa?

– Nenhuma palavra. Estava muito ocupado olhando você.

– Não diga esse tipo de coisa. – Ela já gostava demais de Max. Contra sua vontade. Tudo bem que sentisse atração, mas gostar podia levar a um envolvimento e ela acabaria se magoando. Porque sabia que entre ela e Max não podia haver nada além

de um caso de férias. Só esperava que o coração seguisse seus conselhos.

– Por que não?

– Porque você me faz acreditar novamente em contos de fadas.

– Quais?

– Aqueles que terminam com “felizes para sempre”.

Ela pegou a taça de vinho e um silêncio constrangedor instalou-se na mesa. Podia ouvir o quebrar das ondas na praia, o canto das cigarras e as palmeiras sacudindo ao vento.

– Pensei que todas as garotas acreditassem em contos de fadas.

– Garotas sim. Mas as mulheres já aprenderam a não acreditar neles.

– Quem lhe ensinou a lição? – perguntou Max.

– Não é da sua conta.

– E se eu quisesse que fosse?

Sabrina pensou a respeito. Max não fazia idéia do que ela estaria abrindo mão: a chance de finalmente experimentar prazer de verdade nos braços de um homem. Mas não havia a menor chance de ela um dia dizer a Max que, no passado, tinha sido tola o bastante para amar um homem que só amava a conta bancária. Um homem que a fez ver que ela era uma distração barata e não merecia sentimentos verdadeiros.

– Então eu ficaria feliz em velejar com você amanhã, mas não passaria a noite com você.

– Esse segredo significa mais para você do que a paixão?

As costas dela se retesaram.

– Significa.

CAPÍTULO TRÊS

– Fique com seus segredos – disse Max, ciente de que descobrir os mistérios do corpo de Sabrina seria o suficiente para ele. Desde que tinha vindo para Amelia Island, Sabrina definitivamente provara ser uma boa companhia. E uma tentação à qual não precisava resistir.

Sua vida esperava por ele em Chicago. Uma vida que incluía um pai que o pressionava para casar com uma mulher da sociedade e para assumir a presidência da *Harris Resorts*. Tinha vindo a esse *resort* na Flórida para pensar no futuro e relaxar e em vez de fazer uma coisa ou outra, tinha descoberto Sabrina.

O garçom trouxe a sobremesa: framboesas com creme e um bom vinho. Max serviu um pouco no próprio copo.

Mantendo os olhos em Sabrina, balançou a taça e deixou o perfume do vinho rodeá-lo. Levantou a taça e deu um gole.

– Muito bom. Encorpado e robusto... envolvente e ao mesmo tempo promissor.

– Eu ou o vinho? – ela perguntou quando o garçom encheu as duas taças.

Ele gostava mais dela quando se comportava como uma mulher forte. Ele devia tê-la deixado bastante confusa, porque pela primeira vez notava um toque de vulnerabilidade nela.

– Ambos.

Ela era uma mulher forte, sem medo dos próprios desejos. Pelo menos contava com isso. Enquanto alguns homens achavam que sexo tinha sido criado apenas para o próprio prazer, Max aprendera há muito tempo que o prazer dependia do prazer da parceira.

Só depois que ela estivesse totalmente satisfeita, ele atingiria a satisfação desejada.

Ela tomou um gole do vinho quando o garçom se afastou.

– Posso dizer o mesmo a seu respeito.

Ele estava pronto para deixar a mesa, levantá-la e estreitá-la nos braços. Que beijo que nada! Ele queria todas as curvas do corpo de Sabrina coladas a seu corpo enquanto a acariciava. A sedução exige paciência, lembrou-se.

– Serge – Max chamou o garçom.

– Pois não.

– Por favor, feche a porta que dá para o salão principal ao sair e não queremos ser perturbados.

– Sim, senhor.

Serge partiu, fechando a porta às suas costas. Mais uma vez, Max foi assaltado pela sensação de só existirem os dois no paraíso. Ele não se importaria de brincar de Adão com sua Eva. Até que ponto Sabrina confiaria nele?

Nunca havia se sentido tão atraído por uma mulher. Nenhuma o tinha feito perder o controle assim. Ficara superexcitado nos últimos cinco dias, e hoje parecia que finalmente isso ia chegar ao fim. Apesar de toda sofisticação, pensou ironicamente, continuava sendo apenas um homem.

– Não podia supor que você fosse tão autoritário. O que mais está escondendo, Max? – Havia um brilho provocante nos olhos dela, que fazia Max sentir ainda mais o aumentar da pressão em sua virilha.

– Nada. Sou um livro aberto. – Ou, pelo menos, gostava de que os outros acreditassem nisso. Tinha aprendido há tempos que o papel de pobre-menino-

rico o fazia sentir-se um bebê chorão. Se existia uma coisa que Max não tolerava era lamúrias, especialmente de si mesmo.

– Por que essa é a primeira vez que vejo esse seu lado? – perguntou Sabrina.

– Nunca pretendi ser diferente de mim mesmo. Talvez você não estivesse prestando a atenção necessária.

Ela tomou outro gole de vinho, dessa vez passando a língua pelos lábios depois de colocar a taça na mesa. A boca carnuda estava úmida e convidativa. Ele queria beijá-la novamente. Tinha esperado muito tempo por esse momento.

– Talvez – ela comentou.

– Mas você não estava atenta? – perguntou, precisando se certificar. Talvez por saber que se uma noite era tudo que teriam, queria que ela estivesse muito segura de si mesma.

– Seu ego realmente precisa ser afagado? – perguntou Sabrina, esfregando o dedo na borda do copo.

Ele ficou louco de vontade de sentir aquele dedo em seu corpo, fazendo o mesmo movimento. Afagando-lhe de leve o peito e depois descendo. Sentir a mão segurar sua parte mais íntima.

Ele suspirou. O sangue tinha bombeado sua virilha no momento em que ela mencionou a palavra “afagado”. Para o diabo com a sedução e a dança em ritmo lento e sensual. Ele sentia necessidade dela. Agora.

– O ego não, mas eu preciso.

– Ótimo. Imaginei que você tinha algo específico em mente quando pediu que nos deixassem a sós.

– E tinha.

– O quê? – indagou ela. Ele percebeu-lhe a hesitação.

Isso era novidade para ela? Que tipo de homem tinha conhecido que a deixava tão insegura agora?

– Venha até aqui e eu lhe mostro.

– Por quê?

– Não faça perguntas. Apenas venha aqui.

– Não estou acostumada a receber ordens.

– Prometo que você não vai fazer objeções ao que tenho em mente.

Ela se levantou e andou na direção dele. O andar era a pura expressão da sensualidade. Se Sabrina não agisse como se não percebesse o quanto era sedutora, ele a julgaria uma devoradora de homens de primeira. Mas depois de ter passado tanto tempo com ela, percebera que ela se movia de uma forma totalmente natural. Se todo homem que a olhasse ficava excitado e enlouquecido, problema dele.

Ela parou ao lado da cadeira. Ele rodeou sua cintura. Um bracelete fino de ouro enfeitado com um golfinho adornava-lhe a pele bronzeada.

Ele a tirou do chão e sentou-a no colo. Enfim ela estava em seus braços. O perfume era floral e o hálito, quando respirou, era do vinho que tinham bebido.

– A noite parece não ter fim – comentou ela.

– Pronta para aproveitá-la?

Ela passou-lhe os braços em torno do pescoço e levantou o rosto.

– O que você acha?

– Que você é uma surpresa e tanto, querida.

Ele a beijou do jeito que queria desde que a deixara no quarto a noite passada. Com sofreguidão, não restando uma única parte da boca inexplorada. Sentia o

gosto do vinho e enfiou a língua mais fundo. Tentava descobrir a essência de Sabrina, na ânsia de que seu gosto ficasse tão profundamente dentro dele que quando se separassem nunca o esqueceria, ou ela.

A língua de Sabrina era tímida, mas determinada. Max inclinou a cabeça para permitir-lhe melhor acesso. Ela enfiou os dedos nos cabelos, arranhando-lhe a parte de trás da cabeça. Ele ajeitou-a no colo.

A saia do vestido era reta e apertada e ao encontrá-la para jantar adorou a forma como ela se colava aos quadris, mas agora amaldiçoava o tecido justo. Porque ele queria – não, precisava – sentir-lhe a pele.

Ele friccionou suas costas e desceu-lhe uma das alças do vestido. Ela soltou um gemido profundo. O som aqueceu-o. Ele desceu a boca pelo pescoço. A pele era quente, e sentiu que ao lambe-la a nuca o pulso acelerou.

As mãos de Sabrina estavam ocupadas descendo pelo peito dele e acariciando-o por cima da camisa, inflamando-o ainda mais. Passando-lhe o braço pelas costas, abaixou o zíper do vestido e usou os dentes para afastar o tecido de seda da pele. Ela era tão adorável quanto imaginara, embora os seios fossem maiores. Eram redondos, os mamilos grandes. As mãos dele estremeceram ao olhá-la. Seu lendário controle estava por um maldito fio.

Max levou as mãos até a carne feminina, tocando-a de leve. Ela estremeceu. Ele não podia esperar nem mais um minuto para prová-la. Para saber se os seios eram tão doces quanto a boca.

Ele soprou gentilmente a carne e a viu estremecer. O mamilo endureceu ligeiramente ao contato da respiração e ele mal podia esperar. Mas ela ainda não

estava pronta para sua boca. Estava muito serena, examinando-o.

– Está faltando algo – murmurou.

Ele alcançou o prato de creme que acompanhava as framboesas e pegou um pouco com o dedo. Esfregou-o na aréola do seio. Ela arfou e enfiou-lhe as unhas nos braços. Ele debruçou-se e lambeu-a. Sentiu a doçura do creme e a doçura ainda maior da carne.

Logo lamber não era o bastante e ele pegou o mamilo endurecido na boca, sugando-o. Buscando algo naquele corpo que, até o momento, não tinha consciência de precisar.

A mão esquerda começou a acariciar-lhe o outro seio. Sabrina agora respirava com dificuldade e Max achou que ia explodir se não a penetrasse. Mas não ali. Não naquele instante.

Ele levantou a cabeça.

– Não pare – pediu ela.

– Quero você nua, Sabrina. Quero você em minha cama para que eu possa curtir você devagar.

– Por favor, Max. Nunca estive tão perto antes. Por favor... não pare.

CAPÍTULO QUATRO

– Perto de quê? – indagou.

Fantástico. Agora ia ter que contar. Tinha sido pega distraída ou então jamais mencionaria o fato. Começou a se sentir autoconsciente. Os seios estavam nus, fazendo-a sentir-se voluptuosa. As mãos dele ainda acariciavam-lhe a pele, mas os olhos estavam fixos em seu rosto e não em seu corpo. Ele era o homem mais sensual que tinha conhecido. Nunca havia sentido com nenhum outro homem um décimo do desejo que experimentava com Max.

– Pode me dizer, querida – falou, em um sussurro que a fez estremecer.

Ela engoliu em seco e olhou para o mar, não para ele.

– De um orgasmo.

– Posso lhe prometer mais do que um orgasmo – disse, com um sorriso sexy.

Ela engoliu em seco. Por mais que ansiasse por aventura, não estava muito segura do quão além dos padrões normais estava a fim de ir. Embora a simples idéia de fazer amor nessa sacada fosse o suficiente para excitá-la, qualquer coisa muito pervertida poderia não surtir o mesmo efeito.

– Relaxe, Sabrina. Só quero ser o primeiro homem a mostrar a você o que seu corpo pode experimentar.

– Ele empurrou o prato de sobremesa e tirou o copo de vinho do caminho.

Nunca tinha percebido como Max era mais alto e mais forte do que ela até que ele, com a maior facilidade, mudou-a de lugar no colo. Virou-a para que as costas ficassem na mesa e as pernas encaixadas nos quadris dele. Suas mãos eram grandes,

quase davam-lhe a volta na cintura, e ela sentiu-se delicada e feminina quando ele a pegou.

Max deslizou a mão por baixo do vestido.

– Odeio essa insuportável saia justa.

– Por quê?

– Porque não consigo enfiar minhas mãos dentro dela.

– Quer que eu ajude?

– Acho melhor você me ajudar, a não ser que queira que eu a rasgue.

Ela soltou uma gargalhada. A frustração dele era tão evidente... Os caras com quem ela saía teriam rasgado o vestido sem pensar duas vezes. Ela se levantou e foi então que percebeu o que ia fazer. Queria mais do que uma relação às pressas na mesa. Max significava muito mais do que apenas prazer físico e ela não podia se esquecer disso.

– Por que você não afasta a cadeira?

Ele se levantou e afastou a cadeira, colocando-a de frente para o mar. A vela ainda tremeluzia na mesa fornecendo a única iluminação da sacada. Ela sentiu-se tosca, inquieta.

– Era isso que tinha em mente? – interrogou Max.

Ela sacudiu a cabeça.

– Não se sinta tão confortável.

– Não acho que confortável seja a palavra adequada para descrever o que estou sentindo.

– Perfeito. Tire a camisa.

– Quando foi que as regras do jogo mudaram? – perguntou, mas já estava tirando o paletó. Pendurou-o nas costas da cadeira, como se tivessem todo o tempo do mundo.

— Quando me dei conta de que não vou ficar esperando que você me dê o que quero. Eu mesma vou buscar o que quero — disse, enquanto ele tirava a gravata e desabotoava a camisa. Finalmente, ele ficou de peito nu.

— Gosto de mulheres que tomam a iniciativa.

E ela gostava de Max... cada vez mais. Como já o tinha visto sem camisa, enquanto velejavam, não ficou surpresa que seu peito fosse tão musculoso e esculpido. Mas essa noite esse era apenas mais um elemento, dentre os tantos outros, que a fazia sentir-se como uma nova mulher.

— Isso não me surpreende.

— Sua vez — disse ele, sentando-se na cadeira.

Se ela tirasse o vestido... Sem audácia não há glória, pensou. Puxou a parte de cima do vestido, o tecido apertando-a. Encontrou o zíper lateral e o desceu. O vestido caiu-lhe aos pés.

Ele assoviou entre os dentes. Ela ergueu a cabeça encarando-o e deslizou a mão lentamente pelo corpo. Adorou a sensação da pele nua. Nunca tinha se sentido tão à vontade com alguém como naquele momento. Ela chegou à calcinha de renda.

— Não tire a calcinha — ele disse. As palavras não eram ásperas, quase pareciam um murmúrio. — Venha aqui — ordenou.

Ela obedeceu. As mãos dele seguraram-lhe a cintura, puxando-a para a frente.

— Afaste as pernas, ponha uma de cada lado dos meus quadris — disse, com a boca colada a sua. Ela lembrou-se da sensação daqueles lábios em seu corpo e preparou-se para voltar a experimentá-la. O movimento rítmico da boca adicionou combustível ao fogo que ardia desde que ele tirara a camisa.

Apesar da barreira que representava a calça do terno, podia senti-lo, quente e duro entre suas pernas. As mãos acariciaram-lhe o peito, o abdômen, movendo-se em direção ao alvo. Parou no cóis da calça. As mãos dele desceram-lhe pelas costas, agarrando-lhe as nádegas e puxando-a para baixo.

– Pronta? – perguntou, mordiscando e beijando os bicos dos seios. Ele segurou-lhe os quadris e puxou-a com mais força contra sua ereção.

– Ai, assim.

Ele voltou a ocupar-se dos seios, arranhando com os dentes – bem de leve – os bicos enrijecidos. Ela sentiu um calafrio e pressionou a feminilidade pulsante contra a ereção entre suas pernas. Agarrou-se à nuca de Max, como se temesse que ele a abandonasse naquele estado. Excitada e enlouquecida.

Os quadris moviam-se vagorosamente – involuntariamente. Não havia um ritmo coordenado nos movimentos, apenas a busca convulsiva de algo que só ele podia dar. Ele assumiu o controle desse balançar, esfregando o pênis contra seu sexo, através da barreira da calça.

Ela enfiou a mão entre os corpos, apalpando-o e tentando libertá-lo. As mãos dele deixaram-lhe os quadris e a boca deixou seu seio. Segurou-lhe o queixo e a forçou a olhá-lo. As pupilas estavam dilatadas e ela soube que ele não ia parar.

– A primeira vez é só para você – disse.

Ele voltou a segurar-lhe os quadris, passando as mãos por suas nádegas. Ela o sentia quente e duro embaixo dela. A boca voltou-se em direção a sua pele, dessa vez lambendo-lhe a base do pescoço, e arrepios espalharam-se por todo seu corpo.

Ela não sabia se podia agüentar por muito mais tempo e comprimiu o sexo contra a ereção de Max. Mas ele a forçou a um ritmo mais lento, movendo-lhe os quadris em um círculo que combinava com os próprios impulsos.

Ela gemeu e as mãos apertaram-no. Estava tão perto... Cada milímetro do interior do corpo se preparava para o clímax. De repente, sentiu todos os músculos se retesarem. O mundo desapareceu e, trêmula, enfiou as unhas nos ombros dele.

– Ai, Max...

Ele tirou a boca de seu ombro e procurou-lhe os lábios. Ela moveu-se ainda algumas poucas vezes e depois desabou. Ele envolveu-a nos braços. As mãos acariciavam-lhe suavemente as costas.

Os seios ainda estavam sensíveis e o contato com o peito dele fez com que ela quisesse mais. Embora estivesse satisfeita, precisava dele. Precisava ser preenchida por Max para ter certeza de que compartilhavam algo. De súbito, desejou que essa não fosse a única noite juntos. Tinham ficado amigos durante a semana, mas se tornariam amantes naquela noite. Na mesma hora, conscientizou-se de que o sentimento que nutria em relação a Max era mais do que amizade, e não sabia se ele algum dia sentiria o mesmo em relação a ela.

– Correspondi a suas expectativas? – ele perguntou.

De se apaixonar, pensou. Não, ele se referia ao orgasmo.

– Superou-as.

– Ótimo. Vamos nos vestir e ir para o meu quarto. Isso foi apenas o começo. – Ele a levantou do colo e, parada a sua frente, ela se sentiu vulnerável.

Não sabia se conseguiria fazer amor com ele a noite toda, e depois despedir-se pela manhã. Deu-se conta de que havia uma razão para nunca ter feito isso antes. Infelizmente, a consciência chegara atrasada, pois o corpo ainda pulsava e não havia jeito de dizer não para ele ou para si mesma.

Ele vestiu a camisa, fechou os botões e lentamente voltou a assumir o ar sofisticado que já a tinha deixado desnorteada naquela noite.

– Max?

– O que foi?

Ela colocou o vestido e fechou o zíper.

– Só uma coisa antes de irmos embora daqui.

Ele vestiu o paletó e colocou a gravata no bolso, esperando que ela falasse.

– Agora vamos tentar inverter as posições.

– Não me importo de ficar por cima – disse ele dando um sorriso.

– Quis dizer que eu vou assumir o controle.

CAPÍTULO CINCO

Max nunca tinha delegado o controle. Nunca. Não era uma atitude machista. Para ele representava uma questão de sobrevivência. Só aqueles que tinham controle sobre si mesmos podiam controlar os outros. Aprendera essa lição muito cedo. Ele havia galgado degrau por degrau a escada do sucesso na *Harris Resorts* porque, como seu pai dissera, era preciso começar de baixo.

Isso não significava que ele não era um homem. Ainda estava muito excitado e daria qualquer coisa para sentir-se novamente rodeado pelo calor de Sabrina. Dizer “não” definitivamente não era uma opção.

Pegando Sabrina pelo cotovelo, conduziu-a para fora da sacada, através do mal iluminado restaurante. Foi um choque ver outras pessoas jantando. Tinha se acostumado a estar sozinho com Sabrina e precisava desse isolamento novamente.

Queria estar a sós com ela para fazê-la entender sua maneira de pensar. Para uma mulher tão forte, ela era bastante acessível. Sabia disso depois de ter passado com ela grande parte da semana.

Tomar a decisão o fez sentir-se melhor, mas Sabrina interrompeu-o assim que eles saíram. Ela soltou o braço e ele sentiu falta da suavidade da pele. Droga. Ir embora não ia ser tão fácil quanto esperava.

Mas, afinal, poucas coisas na vida eram fáceis.

A brisa noturna envolveu-os e ele podia sentir o cheiro do mar. Jogou a cabeça para trás e procurou, no mais fundo do ser, algo que lhe desse a impressão de normalidade. Procurou na memória uma imagem do rosto de Sabrina que não fosse aquela em que ela

atingiu o clímax em seus braços há apenas poucos minutos.

Mas a memória estava indelevelmente cravada naquele momento. Ela com a cabeça jogada para trás, os olhos bem abertos, os lábios afastados, a pele ruborizada. Ele ficou ainda mais excitado. Chegava a doer.

Ele suspirou.

– O que foi, Max? – perguntou gentilmente, tocando-lhe o braço.

O caminho do restaurante para os quartos estava iluminado por tochas. Hibiscos brotavam ao redor. Max sabia que estava evitando Sabrina, mas, se a olhasse de novo, tinha certeza de que fariam amor pela primeira vez nas moitas tropicais que ladeavam o caminho. O controle que Sabrina queria que ele a cedesse já estava por um triz, e perdia terreno a cada instante.

– Por que paramos? – perguntou ele, a voz soando áspera até mesmo para os próprios ouvidos. Parecia mais o rugir de um tigre do que a voz de um ser humano.

Ela retirou a mão do braço dele.

– Porque acho que você não me entendeu.

– Acredite em mim, Sabrina, eu entendi.

Ela sorriu, mas ele notou a tensão no sorriso. Sabia que Sabrina ia dizer algo que seu corpo pulsante não ia gostar. Se Max fosse pelo menos metade do cavalheiro que sempre pretendia ser, então não se importaria.

– Então eu assumo o controle e nós diminuímos o ritmo – disse ela.

Vá em frente, o corpo dele queria gritar. Mas Max nunca abria mão da franqueza. Se fosse passar apenas essa noite com ela, queria que fosse tão pura e honesta quanto possível.

– Não sei se posso concordar.

– Quer voltar para o quarto sozinho? – indagou Sabrina.

– Nunca achei que você fosse uma chantagista – disse, sentindo-se morrer ao dizer tais palavras, porque sabia que ela não devia nada a ele. Max a queria na cama dele por desejo e não por obrigação.

– E eu sempre achei que você fosse um homem de palavra – respondeu ela cautelosa.

Max diminuiu a distância entre eles. Parando apenas quando uma distância de menos de três centímetros os separava. Ao abaixar o olhar, percebeu que os bicos dos seios de Sabrina quase perfuravam o vestido. E sua respiração estava curta e ofegante. Afastar-se dele não era algo que ela desejasse, ele pensou.

– Eu não lhe dei minha palavra.

– Não, você não deu.

Ela virou-se. Não se afastou, mas ele sentiu-se como se tivesse sido deixado do lado de fora, abandonado no frio.

– Por que isso é tão importante?

Ela o olhou por cima do ombro.

– Sempre me senti em pé de igualdade com você até hoje à noite. Você pertence a um mundo diferente do meu. Você me viu excitada e vulnerável. Você me deu tanto prazer que achei que fosse morrer. E agora...

– Você quer me ver assim também – disse Max.

– Exatamente.

– Sabrina, quero tanto estar dentro de você que estou disposto a fazer qualquer coisa para levá-la para meu quarto. Mas não sei se serei capaz de deixar você assumir o controle.

– Isso é tão importante para você?

Diabos, ele não queria contar para ela, mas o fato de estarem tendo essa conversa provavelmente já era um indicativo de que ela não devia duvidar da resposta.

– Mais do que você seria capaz de compreender.

– Então me conte.

– Puxa, eu não quero falar. Essa é a única noite que temos para nós dois.

Os olhos de Sabrina ficaram úmidos e ela se afastou.

– Eu sei. Talvez por isso seja tão importante para mim sentir-me em pé de igualdade com você.

Ele acariciou-lhe o ombro. Queria abraçá-la, mas, sinceramente, precisava mergulhar bem fundo em seu corpo antes que pudesse fazer qualquer coisa que não fosse reagir ao instinto animal que ela lhe despertava. Mesmo o cheiro o excitava.

Ele queria deixá-la partir? Queria ficar vulnerável?

– Ah, diabos – disse, abraçando-a.

Ela se manteve imóvel até que ele se curvasse e lhe desse um beijo muito suave na nuca. Relaxou contra o corpo dele.

– Por que está complicando tanto as coisas? Só temos esta noite.

– Por que só temos esta noite? Sei que moramos afastados, mas... – Ela girou o corpo. Os dedos finos continuaram repousados no peito dele. – Eu não me encaixo em seu mundo?

– Não, não se encaixa – concordou. As palavras eram verdadeiras. Ela não se encaixava no mundo

dele. Ela o fazia estremecer. Fazia com que o mundo que sempre lhe parecera normal se transformasse em um planeta de extraterrestres, e ele sabia que só estava ali agora por ter absoluta certeza de que tudo não passaria daquela noite. Porque Sabrina o fazia sentir e experimentar emoções que o assustavam.

– Então você tem que fazer uma escolha – disse ela.

– Já fiz – respondeu. Perceber que ela não ia ceder o libertou. Por uma noite apenas, queria esquecer a vida calma e controlada que levava e deixar os sentimentos virem à tona.

– Muito bem – exclamou. Mas o brilho travesso de seus olhos não conseguia esconder a tristeza. Ele queria confortá-la, mas não podia. Queria oferecer-lhe consolo, e não o fez. Queria mostrar que ela estava muito acima de todos os mundos que ele conhecia e decidiu que isso era uma coisa que podia fazer.

– Sou todo seu – disse.

Ela segurou as lapelas do paletó e ficou na ponta dos pés. Beijou-o do jeito que fazem em filmes obscenos. Com a língua dentro da boca e as mãos no traseiro de Max, reprimiu tudo o que sentia, exceto a atração que crescia em silêncio enquanto eles discutiam sobre tudo e nada.

– Tenho planos para você. Planos que só posso colocar em prática com você.

– Estou intrigado.

– Quando terminar, você vai estar saciado.

– Promessas, promessas – disse brincando, mas por dentro tremia. Já não reconhecia o outro eu, aquele que mantinha escondido e sob controle. Esperou ser capaz de deixar que ela tivesse o que desejava.

Esperou ser capaz de experimentar uma noite em seus braços e depois fazer o que tinha de ser feito. Fazer o que era necessário, se queria passar o resto da vida em paz. Teria que afastar-se sem olhar para trás.

– Você ainda está aqui? Parece tão longe...

– Estou.

– Então me siga – disse, conduzindo-o pela mão.

E como um homem hipnotizado, ele a seguiu.

CAPÍTULO SEIS

Sabrina não entendia quase nada de sedução, mas Max a inspirava. O corpo ainda pulsava do clímax que atingira, mas estava vazia por dentro. Vazia como sempre se sentira, durante a maior parte da vida. Entretanto, achava que Max podia ser o homem que finalmente fosse satisfazer essa necessidade.

Ela conduziu-o a seu quarto porque era covarde e deixá-lo durante a noite era algo que achava não ser capaz de fazer.

Tinha feito alguns planos antes. Tinha alguns artefatos no quarto que tornariam o ambiente romântico. Uma enorme vela com cheiro de sálvia que fazia lembrar o ar livre. Uma meia dúzia dos macios travesseiros de pena que trouxera de casa, porque adorava ter um monte de travesseiros. E, finalmente, uma caixa de preservativos que comprara na lojinha do hotel aquela tarde.

– Feche os olhos – disse para Max.

Ele obedeceu.

Ela entrou no quarto e acendeu a vela com perfume de sálvia, assim como várias pequeninas velas que tinha trazido de casa. Já que só teriam uma noite juntos, isso significava que a fantasia tinha que ser real. E Max era transparente demais para conseguir fingir sentir algo por uma mulher que deixaria pela manhã.

As narinas tremeram e ela se perguntou se ele associava o odor de sálvia ao ar livre, ao tempo que tinham passado juntos, da maneira como ela associava. Ela sabia que ficava muito frágil diante dele, então ergueu a cabeça e pegou-lhe o pulso, conduzindo-o para o quarto. Ela o jogou na cama e atravessou o

quarto para abrir as portas francesas que conduziam a uma sacada de onde se descortinava o mar.

– Vamos definir algumas regras.

Ele recostou na cama com os olhos ainda fechados. Parecia um paxá em um harém de antigamente. Os travesseiros de pluma estavam empilhados às suas costas. Ele ajeitou um ou dois até se sentir confortável. Assumir o controle parecia um sonho distante.

– Sou todo ouvidos – ele disse.

– Eu digo o que deve fazer... e você faz.

– Acho que entendo, querida.

Ela não podia supor que alguém pudesse ser tão dominador em uma posição relaxada, mas ele era.

– Abra os olhos e levante-se da cama.

Ele fez o que ela tinha mandado e Sabrina percebeu que não ia funcionar. Queria vê-lo nu, mas sabia que não ia conseguir fazer nada além de ordenar-lhe que se despisse.

– Max... – Puxa vida, a voz parecia trêmula até mesmo para ela.

Atravessando o quarto em sua direção, ele só parou quando os peitos estavam colados. A respiração dele causava um tumulto em seus sentidos. Ela sentia necessidade de tê-lo.

– Sim?

– Esse negócio de escravo sexual. Não posso fazer o que tinha planejado originalmente.

– Quero penetrar você, Sabrina – disse, colocando-lhe as mãos nos ombros.

– Bem... posso ordenar que faça amor comigo... – Queria acrescentar “como se eu fosse a mulher que você ama”, mas ficou calada.

– Isso me tornaria o homem mais feliz do mundo. É isso o que você quer?

Ela concordou. Ele a pegou no colo e a levou para a cama. Colocou-a no meio dos lençóis e deu um passo atrás. A luz das velas fazia um jogo de luzes na pele dele. As mandíbulas bem marcadas e o maxilar quadrado sobressaíam.

– Esse não vai ser um jogo de sedução demorado. Não posso esperar tanto tempo. Mas posso prometer um prazer tão intenso que você jamais vai esquecer... nem do prazer nem de mim.

Ele despiu a roupa, sem a delicadeza com que tinha tirado a camisa no restaurante. Os movimentos eram rápidos e apressados, o objetivo claro – nudez já.

A camisa, o paletó e a gravata foram jogados para o lado. As mãos foram em direção às calças. Ela pegou o zíper lateral do vestido, quando ele chutou os sapatos.

– Não, fique vestida – disse, enquanto tirava as meias.

Ele desceu as calças e a cueca e parou na frente dela, magnificamente nu. O peito era forte e esculpido, cada costela delineada nos músculos fortes. Seu olhar percorreu a linha de pêlo do peito que ia rareando até chegar à parte pela qual ansiava.

Sua feminilidade se contraía. Ela o queria dentro dela agora. Ansiava por ele. Levantou os braços na direção de Max quando ele se ajoelhou na cama e debruçou-se em sua direção. As bocas se encontraram em um beijo faminto e profundo. A língua mergulhava fundo em sua boca, enroscava-se na sua e fazia cócegas no céu da boca.

Ela gemeu e tentou retribuir, mas não tinha forças para tal. As mãos grandes imobilizavam-lhe a cabeça. O resto do corpo não tocava o seu. Sentiu o calor da

pele dele a distância. Moveu-se tentando fazer com que os corpos entrassem em contato e conseguiu por um breve momento. Ele afastou a cabeça, os olhos cinza intensos reluziam à luz das velas.

A brisa do mar entrou no quarto, sacudindo as brasas do fogo que ardia nos dois.

– O que você quer?

– Tudo – replicou.

Ele abriu o fecho *éclair* lateral. Libertou-lhe os braços das alças finas e depois abaixou a parte de cima do vestido. Os mamilos estavam duros e eriçados. Ela queria de novo a boca nos mamilos. Queria sentir o sugar violento, mas em vez disso ele encostou o peito cabeludo ao seu. Sustentava o peso do corpo com os braços fortes.

Ela gemeu e moveu-se embaixo dele. Tentava desesperadamente pressionar os seios contra o calor do corpo de Max.

– Quer mais? – perguntou.

– Quero – respondeu.

Ele movimentou o tronco, roçando-lhe de leve os mamilos endurecidos. Sabrina gostou de que ele conhecesse bastante o próprio corpo para esperar por ela. Mas queria vê-lo retorcendo-se e ardendo de paixão como ela estava.

Arranhou-lhe as costas, parando apenas quando alcançou o bumbum musculoso. Segurou-o com firmeza e o puxou de encontro a seu corpo. Finalmente, sentiu-o quente e enrijecido contra seu sexo. Bloqueado pela barreira do vestido de seda e da roupa íntima.

Queria tocá-lo. Precisava senti-lo vivo e pulsando entre seus dedos. Deslizou a mão entre os corpos,

para segurá-lo. Um gemido rouco saiu da garganta de Max. Ele sentou-se nos calcanhares.

– Afaste os joelhos – disse.

Max obedeceu-lhe a ordem. Ela o acariciou de cima abaixo sem parar. O pomo-de-adão da garganta dele moveu-se e ela soube que o tinha levado próximo do gozo. Ele puxou-lhe o vestido e a calcinha pelas pernas. Sabrina chutou as roupas para fora da cama.

Max pegou a caixa de preservativos na mesinha-de-cabeceira e rapidamente colocou um.

– Agora – disse ele.

Sabrina só conseguiu sacudir a cabeça, a garganta apertada demais para falar.

Ele suspendeu-lhe o corpo, moveu-o ritmadamente e cobriu-a com o próprio corpo. Uma colcha ardente de masculinidade. Ele verificou se ela estava pronta com um dedo e depois dois, preparando o caminho com um toque gentil.

– Agarre-se a mim – ordenou.

Ela obedeceu. Enroscou os braços e pernas em torno de Max quando ele a penetrou. Ele era grande. Maior do que qualquer homem com quem estivera antes, preenchendo-a por completo. Max fez uma pausa como se sentisse seu corpo ajustando-se ao dele.

Em seguida, ele virou-lhe a cabeça para trás para que os olhos se encontrassem. Não disse uma palavra, apenas a olhou quando começou a se mover. As coxas esbarrando nas suas, o peito esfregando-se no seu. A alma buscando a sua e levando-a em uma cavalgada deliciosa que ultrapassou o plano físico e atingiu a esfera do espiritual.

Ela sentiu voltar a se aproximar do clímax. A respiração de Max estava pesada e as mãos agarravam-lhe os quadris, levantando-a mais alto para possuí-la. Ele mergulhou no corpo dela. Sabrina sentiu que estava atingindo o limite. Ele penetrou-a mais fundo do que já tinha feito e foi como se uma explosão ocorresse em sua cabeça. Todos os músculos do corpo se contraíram.

Max gritou ao atingir o orgasmo e depois desmoronou por cima dela. Sabrina adorou sentir-lhe o peso que a esmagava no colchão. Max virou para o lado depois de um momento, levando-a com ele. Ela mordeu o lábio para não dizer as palavras que precisava, desesperadamente, dizer. Para não perguntar se ele tinha que ir embora amanhã e por que apenas uma noite era tudo o que poderia ter com o homem de seus sonhos.

– Não quero voltar para Chicago de manhã – disse ele.

Sem audácia não há glória, pensou Sabrina.

– Hã, Max?

– O que é, querida? – perguntou, dando-lhe um beijo carinhoso na cabeça.

– Você tem que partir? Isso tem que acabar agora?

CAPÍTULO SETE

Max pulou da cama, pegando a calça no caminho para a sacada. Atrás dele, ouviu o farfalhar dos lençóis quando Sabrina se mexeu. A mente forneceu-lhe a imagem da pele nua, dos cabelos despenteados e dos olhos confusos.

Ele tinha contado meias-verdades desde o dia em que se encontraram e agora estava na hora de tomar uma decisão. Embora fosse verdade que Sabrina não se encaixava na vida dele, sabia que ela nunca compreenderia que essa semana e essa noite de paixão o faziam desejar coisas que ele sabia não estavam nos planos.

Caminhou até a sacada e debruçou-se, apoiando o peso nas mãos. O oceano parecia vasto e sem fim. Por um momento ficou tentado a mandar tudo para o inferno, pegar Sabrina e fugir da civilização em um barco à vela.

Ele não estava seguro se podia confiar em algo que acontecera tão rápido. Nesse exato instante parecia que sempre ia querer Sabrina, que jamais se cansaria. Nunca tinha experimentado um grau tão profundo de emoções. Poucas coisas na vida o assustavam mais.

– Não queria arruinar o resto da noite – disse ela após uma longa pausa, a voz soando tensa.

As palavras foram como uma punhalada nas costas. Sabrina não estava preparada para esse tipo de atitude. Um caso passageiro, Max decidiu, só podia acontecer com uma mulher que ele não gostasse e respeitasse e, definitivamente, esse não era o caso. Não estava preparado para ser responsável pela mágoa e decepção de Sabrina. Não quando ele estava atolado no mesmo campo minado.

– Você não arruinou – ele disse girando parcialmente o corpo em sua direção e levantando o braço.

Ela foi até ele; aconchegou-se. Vestia apenas a camisa dele, só um botão abotoado. Era a própria tentação e pela primeira vez ele compreendeu o que Adão sentiu no paraíso todos aqueles anos atrás.

– Achei que ia ser mais fácil – ela constatou depois de alguns minutos.

Ele também tinha achado. De alguma forma, não imaginara que seria difícil dizer adeus a ela.

– Talvez esteja sendo muito tola – disse Sabrina.

– Não, não está.

Ela o fitou.

– Você não pára de me surpreender.

– Como assim?

– Você não é como os homens que conheço. Você me pediu conselhos... Na verdade você me ouviu, colocou meu prazer em primeiro lugar... Você está tornando muito difícil aceitar que a fantasia não existe.

O cabelo dela roçou-lhe o braço. Ele gostou da sensação daquela massa de seda contra a pele nua. Desejava ardentemente levá-la de volta para a cama e fazer amor com ela até o mundo acabar. Deu-lhe um beijo no alto da cabeça.

– A fantasia do amor? – perguntou. Ele sabia a resposta, mesmo sem ela ter dito uma palavra. Podia dizer pelo jeito com que ela encostou a cabeça em seu coração.

Sabrina deu de ombros. Max imaginava que ela estivesse experimentando as mesmas perturbadoras emoções que ele. Possivelmente ela estava com medo de arriscar e sair ferida, também.

Ele nunca tinha amado ninguém. Gostava dos pais, mas sempre fora muito fechado, muito determinado a cuidar de si para permitir que eles lhe entrassem no coração. E eles sempre foram distantes – mais envolvidos com as próprias vidas do que com a vida dos filhos. Só Sabrina tinha arrombado esses muros e ele não sabia direito o que fazer com ela agora.

– Nós dois queríamos que só durasse uma noite – afirmou, tanto para lembrar a ela quanto a si mesmo.

Ela levantou o rosto para Max. Os olhos castanhos, piscinas escuras impenetráveis, procuraram os dele buscando uma resposta para uma pergunta que não tinha sido verbalizada.

– Mudei de idéia.

Max não tinha tanta certeza. Ele começara essa noite porque ela o tinha mantido em estado de alerta durante toda a semana. Seduzindo-o com o corpo cheio de curvas, o entusiasmo pela vida e o amor pelo ar livre. Mas, de alguma forma, ele não tinha percebido a mulher vulnerável que se escondia atrás dessa aparência até agora.

Ele não estava seguro de conseguir ser forte o suficiente para evitar feri-la. E sabia que seria complicado combinar as vidas dos dois. Não podia deixar Chicago. E ela não deixaria Fort Lauderdale. Não conseguia imaginar esse espírito livre trancafiado na cidade.

– Disse algo inapropriado? – perguntou ela finalmente.

Ele recuou.

– Não sou o homem que você imagina.

– É sim.

– Não sou.

– Lembra-se de quando me falou sobre me ver através de seus olhos? Você precisa fazer o mesmo.

– Não posso. Não estou seguro de que você tenha me visto como realmente sou. E se tudo o que puder lhe dar é o que tivemos há pouco?

– Você tem mais a oferecer, Max Harris.

– Não tenho tanta certeza. Tenho 35 anos... muito velho para mudar meu jeito.

– Mesmo se for a oportunidade de sua vida?

– Nós nos conhecemos há menos de uma semana.

Ela sacudiu a cabeça e passou os braços pela cintura como se estivesse se protegendo.

Droga! Ele queria ser o homem que não a magoaria.

– Eu compreendo – murmurou.

Ele duvidou disso. Ela era a mulher que queria acima de todas as outras coisas do mundo, mas não podia se arriscar a ver a decepção em seus olhos. E sabia que Sabrina ficaria desapontada com a vida que ele tinha para oferecer.

Uma vida que consistia em longos e frios invernos e mais tempo dentro de casa do que fora. Uma vida ocupada do alvorecer até a meia-noite com trabalho e reuniões. Uma vida com um homem que não conseguia expressar as emoções.

– Volte para a cama – pediu Sabrina. O rosto expressava tristeza.

– Não acho que seja uma boa idéia.

– Você me prometeu esta noite.

Ele a seguiu até a cama. Fez amor com ela a noite toda como um homem que tivesse sido avisado de que morreria na manhã seguinte. Quando os primeiros raios do alvorecer penetraram no quarto, ele a abraçou por trás e penetrou em seu corpo sedutor uma última

vez. Apertou-a forte, sem perder tempo de pegar um preservativo, na ânsia de ter essa doce lembrança gravada na memória pelos anos que estavam por vir.

Quando a respiração de ambos se normalizou, ele saiu da cama e vestiu-se rapidamente antes que desistisse e ficasse. Sabrina o olhou da cama, os grandes olhos castanhos observando cada movimento.

– Não vou esperar por você, Max, toda a minha vida. Mas se você decidir que vale a pena correr o risco de viver e amar, me chame.

CAPÍTULO OITO

Nas longas seis semanas desde que deixara Amelia Island, Sabrina tinha mudado o estilo de vida. Embora ainda amasse Max e sentisse sua falta, havia amadurecido. E tinha o bônus extra de ter uma nova vida crescendo dentro dela. Só gostaria de que ele tivesse sido capaz de acreditar na única coisa que ela desprezara por tanto tempo.

Nunca tinha esperado ser invadida pela emoção da maneira como acontecera. Nunca havia esperado esbarrar no homem dos sonhos em umas férias luxuosas. E a última coisa que esperava era ficar grávida desse homem.

Não havia dúvida sobre a data em que tinha concebido. Lembrava-se de Max penetrando-a daquela última vez – a única vez na noite em que não tinha colocado preservativo. A New Moon Surf Shop, a loja de aluguel de material para praia, era um sucesso. A primavera chegara e parecia que tudo estava florescendo. Mas esse ano o perfume das laranjeiras em flor e a visão dos rapazes bronzeados não a animavam.

Caminhava pela praia todo dia ao pôr-do-sol, depois de fechar a loja. Isso lhe proporcionava uma sensação de paz no final do dia. Um tempo só seu, para entrar em sintonia com os pensamentos e com a vida dentro dela.

Um homem andou em sua direção, interrompendo-lhe os pensamentos. Quando se aproximou ela percebeu o quanto se parecia com Max – tanto que seu coração quase parou.

Depois, o coração ficou apertado e ela soube que era ele. Por que Max tinha voltado agora? Tentara

entrar em contato com ele através do hotel em Amelia Island, mas eles se recusaram a dar-lhe um endereço. Havia se resignado às lembranças felizes e a nunca mais voltar a vê-lo. E a ter o filho dele.

– Sabrina – disse, parando bem em sua frente.

– Max, o que está fazendo aqui?

– Eu...

Não havia a menor possibilidade de ele saber sobre a gravidez. Ela tinha recebido a confirmação naquela tarde. Reprimiu o impulso de acariciar-lhe o rosto. Max parecia cansado, os olhos demonstravam exaustão. Ele precisava dela, ela pensou. Provavelmente nunca tivesse admitido, mas ela tinha sido boa para ele.

– Não estamos mais de férias – Sabrina disse baixinho, ainda lutando com o fato de que Max estava ali quando ela precisava de sua presença.

A confirmação da gravidez tinha sido um choque. E embora se sentisse animada diante da idéia de ser mãe, estava um pouco assustada de assumir tudo sozinha.

– Não podemos ter mais uma noite – falou.

– Caramba, eu não quero uma noite. Quero todas suas noites.

Ela prendeu a respiração, esperando. Mas ele não disse mais nada. Talvez estivesse sonhando. Havia tido a vívida imagem de Max, a noite passada, em sua cama. Mas, é claro, isso tinha sido mais uma questão de sexo. Voltar a vê-lo fez com que se lembrasse de outras coisas que havia esquecido sobre ele, como o jeito com que a boca se levantava ligeiramente nos cantos quando falava. Será que o filho deles faria isso também?

– Caramba. Nunca achei que isso fosse ser tão difícil.

Ele passou os dedos pelos cabelos negros e abundantes. Ela lembrou-se de como tinha sido delicioso tocar-lhe os cabelos.

Sabrina começou a falar, mas ele cobriu-lhe os lábios com os dedos, sacudindo a cabeça. Uma excitação estranha parecia correr-lhe pelas veias.

– Precisei de dois dias para me dar conta de que me enganei ao deixá-la, mas sou muito teimoso. Portanto, não admiti o fato até que você deixou o *resort*. Precisei de mais três semanas de pedidos, ordens e ameaças até convencê-los de que eu não era um tarado e que precisava de seu endereço.

– Você não está me assediando? – perguntou, sorrindo, com medo ao perceber onde a conversa os conduzia.

– Nada disso. Estou me apossando de você.

Ela sorriu suavemente ao entender o motivo da presença de Max.

– Perfeito.

Ele a tomou nos braços, apertou-a contra o corpo, deu-lhe beijinhos nos cabelos.

– O mês passado sem você foi o mais longo de toda minha vida. Não volto para Chicago sem você.

Chicago soava assustador. Ainda estava se acostumando à idéia de que Max a amava e que ia ter um filho dele. Não via problemas em atravessar o país tendo Max ao lado.

– Não sou a mesma garota que você conheceu em Amelia Island.

– Não é? – questionou, levantando a sobrancelha.

Ela segurou o maxilar dele com as duas mãos e o olhou.

- Não. Quero o conto de fadas, Max.
- O príncipe em um cavalo branco e tudo mais?
- Receio que sim.
- Não sei se posso fazer isso. Não sou um desses caras que pode discutir os sentimentos. Nunca fui. Vir até aqui exigiu muito de mim.
- Oh, Max – falou, tocando-lhe o rosto. – É difícil para mim também. Mas não quero mais sair correndo, me escondendo das coisas que realmente quero na vida.
- E o que você quer, querida?
- Quero você a meu lado como marido. Quero estar em pé de igualdade com você e quero que seja meu.
- Eu também quero a mesma coisa.
- Eu amo você, Max.
- Ele a apertou nos braços, as mãos acariciando-lhe as costas. Apertava-a tão forte que ela mal conseguia respirar. Ele a amava, pensou, e a felicidade tomou conta dela.
- Estou tão contente. Sabia que isso ia dar certo.
- Se ele a tivesse esbofeteado, Sabrina não ficaria mais chocada. Ela afastou-se dele.
- Nada deu certo.
- Ele ficou perplexo. Ela achou ter notado mais do que perplexidade nos olhos dele. Talvez desespero.
- Mas nós queremos a mesma coisa.
- Não. Eu preciso viver com um homem que se preocupe comigo tão profundamente quanto eu me preocupo com ele. Um homem que possa me dizer o que sente.
- Que diferença faz? Estou aqui por sua causa. As palavras fazem assim tamanha diferença?

– Fazem – respondeu. Ela franziu o nariz para impedir o choro. Ah, diabos, tinha que ir embora antes que o aceitasse de volta. Ela começou a caminhar pela praia, a correr enquanto as emoções tomavam conta dela. Mas era tarde demais. Fugir das emoções não estava funcionando. Sabrina parou e ouviu Max correndo para alcançá-la. Ela soluçou, as lágrimas saltavam-lhe dos olhos.

Perder Max em Amelia Island era uma coisa. Ela esperava que ele partisse. Mas ele tinha voltado e em poucos minutos a enchera de esperança de que pudessem realizar o sonho. De que pudessem ser uma família.

Sabia que devia ficar, pelo bebê, mas não queria criar o filho com um homem que não podia confessar os sentimentos mais profundos para ela, que não podia abrir o coração para a companheira.

A mão de Max pousou pesada em seu ombro e ele a virou para que o encarasse.

– Você não pode ir embora.

– Me dê uma razão para ficar – argumentou, enxugando as lágrimas que molhavam suas bochechas.

Ele dobrou as pernas até ficar a seus pés, de joelhos, na areia. Segurando-lhe a mão, ele a olhou e seu coração parou de bater por um segundo.

Ao olhá-la sacudiu a cabeça, triste.

– Droga, a senhora virou meu mundo de pernas para o ar. Você me fez questionar sobre coisas a meu próprio respeito que sempre tinha julgado indiscutíveis. Desculpe se não pude dizer essas palavras para você antes, mas você tem que saber que as sinto.

– Você acha que pode aprender a dizê-las? Quem sabe com um pouco de treino?

– Por você, Sabrina, estou disposto a tentar – afirmou, sorrindo de um jeito *sexy*.

– Eu amo você, Max.

Ela sabia a intensidade de seu amor. Era mais forte do que qualquer coisa que tivesse experimentado e sabia que Max também se sentia assim. Podia ver nos olhos cinza.

Ele respirou fundo e a apertou nos braços.

– Promete que não vai me deixar?

As palavras derrubaram todas as defesas.

– Você sabe que sim.

Ele respirou fundo e a apertou ainda mais forte entre os braços. Ela sentia as palavras mais do que as ouvia.

– Eu amo você, Sabrina. Não posso imaginar a vida sem você – confessou, as palavras um sussurro rouco contra sua orelha. Envolveu-a pela cintura com um desespero violento do qual ela nunca o julgara capaz.

– Eu também – disse, voltando a chorar, mas dessa vez devido a uma incrível felicidade que a invadia. Nesse momento lembrou-se de que não tinha contado ainda a ele sobre o bebê. Como ele reagiria?

Antes que pudesse falar, ele abaixou a cabeça, beijando-a como se ela fosse água e ele estivesse no deserto por muito, muito tempo. Ela percebeu que eles estiveram buscando um ao outro. Cada um deles voando pela vida com apenas uma asa até que se encontraram.

– Max – chamou-o quando ele ergueu a cabeça.

– Está pronta para ir a algum lugar onde tenhamos mais privacidade? – perguntou com um sorriso.

– Estou – respondeu, dando uma gargalhada.

– Não vou deixar você sair da cama o final de semana inteirinho – disse malicioso.

– Você vai ter que cumprir a promessa, mas antes preciso lhe contar algo.

– Boas notícias?

Ela franziu a testa. Será que ele suspeitava?

– Claro.

– Um bebê?

– Como soube?

– Acho que meu corpo soube antes de minha mente adivinhar – disse Max com uma risada.

– Oh, Max!

Ele lhe deu um beijo e a levantou no colo, girando com ela nos braços. Sabrina se agarrou a ele. Tinha encontrado o homem de sua vida e não o deixaria escapar.

FIM

